

Sermão 503

A natividade do Senhor III.

Santo Agostinho

Análise

Sobre a natividade do Verbo, é preciso escolher entre João Evangelista e Ario. São Paulo afirma a divindade do Verbo. Imutável propriamente, Deus se manifesta de diversas maneiras. As palavras das Escrituras não devem sempre ser entendidas literalmente. As funestas consequências de uma interpretação demasiado literal. Os arianos representam o Pai como sujeito a mudanças e a imperfeições. O orgulhoso ariano encontra um adversário também no Apóstolo Paulo. O Verbo não nega sua própria divindade ao dizer que o Pai é maior do que ele e ao se proclamar Filho do Homem.

01 – A eternidade de Cristo segundo João Evangelista e Ario.

Vou atacar Golias! Preciso então pegar meu báculo pastoral e, como o bem-aventurado Davi, escolher três pedras no leito do rio.

Ariano, o que você está fazendo? Você ousa dizer: “O Filho de Deus não existiu e Deus existiu”?

Mas o Evangelista sagrado o contradiz, já que ele clama: *No princípio era o Verbo*. Depois de ter dito: *era*, ele acrescenta: *estava*, pois, eis a sequência: *O Verbo estava junto de Deus*.

Não contente em ter proferido por duas vezes verbos que denotam a existência, ele o profere uma terceira vez: *O Verbo era Deus*¹.

E, como pelos quatro cantos do mundo se deveria, através da pregação, opor a verdade ao erro, o Apóstolo afirma uma quarta vez que ele existia, pois diz: *Ele estava no princípio junto de Deus*².

Ario diz somente uma vez: “Ele não existiu”. Mas João Evangelista diz quatro vezes: *era, estava, era, estava*.

O que fazer agora? Precisamos, necessariamente, adotar as palavras de um e repudiar as do outro. Se acreditamos no que Ario diz, incorremos na ira de João Evangelista e se seguimos os passos de João Evangelista, Ario se ofenderá com nossa deserção.

No entanto, para nos falar como ele fala, João Evangelista recebeu seus ensinamentos de Cristo e Ario retirou seu sistema das lições de Aristóteles. Sigamos todos o discípulo de Cristo e deixemos de lado o aluno de Aristóteles.

02 – São Paulo sustenta a eternidade de Cristo.

No entanto, ó ariano, diga-nos o motivo que o leva a afirmar que Cristo é uma criatura? Você fala assim porque, tendo nascido de

¹ João 1: 1.

² João 1: 2.

uma Virgem, ele foi visto na terra, no meio das pessoas, ou porque o próprio Pai no-lo apresenta estabelecido no céu junto aos imortais?

Se é porque ele é o filho da Virgem, eu direi a você que Deus não pode se considerar uma criatura, pois ele é o Criador e somente se revestiu como uma sua criatura.

De fato, se ele apareceu aqui embaixo, não foi como um verdadeiro escravo no meio de seus companheiros de escravidão. Mas, sendo Deus, *aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de servo*³, para poder entrar em sociedade com as pessoas reduzidas ao estado de servidão.

Se a utilidade da república exige que ele se esconda na multidão de súditos, o imperador só poderá fazê-lo retirando a coroa, retirando seu manto púrpura e vestindo uma roupa comum do povo.

Empregamos esta comparação para explicar o Advento passado do nosso Rei. Aqui está como o Apóstolo Paulo, nosso mestre, continua a desenvolver seu pensamento: *Sendo ele de condição divina, não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus*⁴.

O que você diz sobre isto, ariano? Esta frase acrescentada pelo Apóstolo quebra os braços do seu Aristóteles. Paulo diz que o Verbo é igual a Deus. Segundo você, ele é inferior. No dizer de João Evangelista, ele *era e estava*. No seu entender, ele não existiu.

³ Filipeenses 2: 7.

⁴ Filipenses 2: 6.

Mas, prossigamos com nossa tarefa. *Sendo ele de condição divina, não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus, mas aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de servo e assemelhando-se aos humanos*⁵, diz Paulo.

Nós, que somos católicos, nos apegamos inviolavelmente a estes dois pontos da doutrina. Assim poderemos responder vitoriosamente a todas as objeções dos heréticos.

Ele aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de servo, diz o Apóstolo. Quem se aniquilou?

Evidentemente que foi aquele que *não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus*. Ao se revestir com nossa humanidade, ele não perdeu nada da perfeição que ele compartilhava no mesmo grau com Deus Pai.

Pelo contrário, ele deu a ela um novo brilho, pois, em sua divindade, há sempre novos louvores e quando a ela se acrescenta alguma coisa, ela não se expõe à sombra de nenhuma crítica.

Ora, ao dizer que em Deus há sempre motivos para novos louvores, afirmamos que a criatura poderá se aproximar cada vez mais dele, mas não chegará jamais a se confundir com a natureza divina.

⁵ Filipenses 2: 6 e 7.

03 – Imutável propriamente, Deus se manifesta de diversas formas.

De fato, Deus não recebe nenhum acréscimo, assim como não pode sofrer nenhuma diminuição em sua essência. Apenas, de acordo com a natureza do ser com que ele se reveste, ele se mostra a uns com as proporções da grandeza e a outros com as da exiguidade.

Encontramos a razão e a prova disto em seu infinito poder. Quanto a vê-lo nele mesmo e de acordo com o que ele é em sua natureza, jamais nenhuma criatura será capaz disto.

Por isso, quando ele fez Adão conhecer sua vontade, ele não se aproximou dele sob a mesma forma como ele se aproximou dele para lhe censurar a desobediência. O justo Abel e o prevaricador Caim não o conheceram sob a mesma aparência. Ele apareceu sob uma forma quando levou Enoque e sob outra quando se mostrou a Noé, por ocasião do Dilúvio, para salvar o mundo que iria perecer. Para testar Abraão com relação ao seu filho, ele se mostrou de uma maneira e se manifestou de maneira diferente a Isaac, para levá-lo a servir de vítima no sacrifício que seu pai ofereceria, para que ele mesmo carregasse a madeira que o queimaria e para representar assim Cristo carregando sua própria cruz.

Jacó dormindo e Moisés desperto guardando seu rebanho não o viram da mesma maneira. Que diferença entre a forma como ele apa-

receu aos egípcios que se afogavam e como ele apareceu aos filhos de Israel ao libertá-los!

Ele não foi uma coluna de nuvens durante o dia e uma coluna de fogo durante a noite? Aqui foram sons de vozes, trovões e relâmpagos; acolá foram o ar puro e o céu tranquilo, quando ele se manifestou sob os traços esplêndidos de um profeta.

Uma hora ele abriu os céus e fez cair dele o maná que alimentaria seu povo; outra hora um rochedo se partiu para fazer nascer uma fonte de água viva que deveria saciá-lo.

Ele não apareceu da mesma forma, quando, sob o golpe do bastão de Moisés, as águas do mar se separaram para facilitar a fuga dos israelitas e quando elas se reuniram, sob o golpe do mesmo bastão, para destruir seus perseguidores.

Uma foi a forma como ele se mostrou na passagem do Rio Jordão, quando as águas retomaram seu curso interrompido. Outra foi quando ele se fez ver quando, ao som das trombetas, as muralhas inimigas desmoronaram.

Estas foram manifestações bem diferentes da Divindade!

Ao sinal de uma prostituta, homens de costumes puros escapam da morte e são protegidos por santos. Um homem ordena ao sol que não se deite. Outro homem proíbe as nuvens de chover.

Sob as ordens de um homem, o fogo do céu vem golpear outros homens e, com sua prece, o fogo desce do alto para consumir a víti-

ma de um sacrifício. O toque do seu manto basta para separar as águas do Rio Jordão e esse homem é levado em um carro de fogo, como que para se tornar o condutor dos cavalos de fogo que o puxam.

Samuel, Davi, Salomão perceberam Deus sob aspectos muito diferentes. Daniel mereceu vê-lo diferentemente de Nabucodonosor. Inumeráveis Profetas o contemplaram sob uma forma e os Apóstolos sob outra.

04 - As palavras das Escrituras não podem ser entendidas sempre literalmente.

Vá, herético! Todas as vezes que você ler que o Verbo apareceu, você o verá sob diversas características e cores. Se ele aparecer aqui sob a forma de um arbusto, lá sob a forma de uma chama; uma hora como uma nuvem e outra hora como um rochedo; depois como uma fogueira e por fim como a mandíbula de um asno, pense: “Este é o Filho de Deus!”

Se, de fato, você ler a Escritura e a compreender no sentido óbvio da letra, não apenas você negará a existência de Deus, como também confundirá os próprios mandamentos da Lei, pois a Lei não proíbe recusar pão aos que tem fome e saciar a sede que os devora? No entanto, ela não diz em uma passagem: *Bebe a água do teu poço e das correntes da tua cisterna. Derramar-se-ão tuas fontes para*

*fora e teus arroios nas ruas? Sejam eles para ti só, sem que os estranhos neles tomem parte*⁶. Se isto for entendido literalmente, teremos então um preceito demasiado desumano, demasiado cruel, que nos proíbe de dar até mesmo um copo de água a uma pessoa consumida pela sede.

De fato, todo aquele que só presta atenção ao sentido literal se expõe ao perigo de uma condenação ao fogo eterno, pois está escrito: *Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos, porque tive sede e não me destes de beber*⁷.

05 – As prejudiciais interpretações muito literais.

A isto, ó ariano, você poderá responder assim: “Você me disse não apenas que não posso dar de beber àquele que tiver sede, como também devo recusar a água da minha cisterna àquele que desejar se saciar nela”.

É a isto que se expõe a pessoa que só considera a superfície das santas Escrituras. Se ela lê, com relação a Deus, estas palavras: *Foram colocados os tronos e um ancião chegou e se sentou*⁸, ela imagina que este ancião é o Pai e se esta outra passagem se apresenta aos seus olhos: *Quem é aquele que vem de Edom, de Bosra, as vestes*

⁶ Provérbios 5: 15-17.

⁷ Mateus 25: 41 e 42.

⁸ Daniel 7: 9.

*tintas, envolvido num traje magnífico, altaneiro na plenitude de sua força?*⁹, ela pensa que este *na plenitude de sua força* é a personificação do Filho de Deus.

Desta forma, colocando-se imprudentemente à caminho, ela pensa que a velhice se antecipa, de uma maneira incessante, à frente da juventude e acaba por alcançá-la.

De fato, na medida em que você supõe um maior e outro menor, é preciso, necessariamente, que você force ambos à indispensável obrigação de crescer, de se tornar velho e, finalmente, de deixar de existir.

06 – Os que representam o Pai como sujeito à mudança.

Católicos! Eu imploro a vocês: observem em que abismo de blasfêmias se precipitam aqueles que, na leitura dos Santos Livros, se constituem seus próprios discípulos e seus próprios doutores. Eles não ousariam ler as fúteis e ineptas fábulas dos poetas sem se colocarem sob a orientação de um mestre, mas, para os ensinamentos da *sabedoria de Deus, misteriosa e secreta*¹⁰, eles se recusam a aceitar as lições de pessoas espirituais e forçam as palavras sagradas de Deus a se curvarem aos caprichos deles.

Ao tomar a defesa da honra de Deus, você o desonra. Você quer que eu lhe dê a prova disso, ó ariano?

⁹ Isaiás 63: 1.

¹⁰ 1 Coríntios 2: 7.

Você pretende me forçar a acreditar que, segundo você, houve um tempo em que o Filho não existiu? Explique-se! Diga-nos como, em seu sistema, o Pai é imutável, já que não se pode chamar de Deus um ser que se supõe capaz de mudar.

Ora, é certo que o Pai está sujeito à variação, se houve um tempo em que não havia o Filho, pois, ao sustentar que o Filho começou a ser o que ele não era antes, você será, por isso mesmo, obrigado a dar ao Pai o título que não estava precedentemente conforme à sua natureza. Veremos então um pai recente de um filho recém-nascido e você não poderá negar que a antiguidade alcançou a novidade. E, como a novidade se fará suceder pela antiguidade e como, segundo você, a velhice tomará o lugar da antiguidade, da mesma forma, você forçará a velhice a desaparecer sob os golpes da morte.

Você não vê, eu lhe pergunto, em que abismo de trevas você mergulhou? Se, de fato, você se recusa a acreditar que Cristo é *a Força de Deus e a Sabedoria de Deus*¹¹ e se, ao mesmo tempo, você sustenta que houve um momento em que o Filho não existiu, necessariamente você se torna um blasfemador, ao dizer que o Pai era sem *Força* e sem *Sabedoria*.

Ora, ser desprovido de sabedoria é ser tolo, assim como ser privado de força é ser fraco. Não há dúvida sobre isto.

¹¹ 1 Coríntios 1: 24.

07 – As palavras de Paulo sobre a divindade de Cristo.

O que você faz, ó herético? Por que levantar seu pé contra o aguilhão? Ele será ferido infalivelmente.

Em seu entendimento, o Filho não passa de uma simples criatura. Paulo contradiz suas blasfêmias nesta passagem: *Deus, em Cristo, reconciliou consigo o mundo*¹².

Não vá pensar que estas palavras do Apóstolo são as únicas que condenam o seu sistema. Daqui há pouco vou provar novamente sua blasfêmia.

Se, de fato, você afirma que o Filho é uma criatura e se, como Paulo disse, *a criação foi sujeita à vaidade*¹³, é evidente que Cristo está sujeito à vaidade.

Lemos também estas outras palavras: *Toda a criação geme e sofre como que dores de parto*¹⁴. Então, Aquele que veio libertar o mundo inteiro dos gemidos e das dores geme também e está com as dores do parto.

Por fim, o Apóstolo nos diz que a criação será *libertada do cativo da corrupção*¹⁵. Então Aquele que reina na incorruptibilidade da morada celeste está sujeito, aqui embaixo, à corrupção.

¹² 2 Coríntios 5: 19.

¹³ Romanos 8: 20.

¹⁴ Romanos 8: 22.

¹⁵ Romanos 8: 21.

08 – Ao se dizer menor do que o Pai, Cristo não nega sua divindade.

Mas, os arianos replicam: “É preciso, querendo ou não, se submeter de espírito e coração às palavras de Cristo e aqui está o que ele disse sobre ele mesmo: *O Pai é maior do que eu*¹⁶”.

Mas vocês só leram isto? Também lemos, se não me engano, nos Evangelhos, que ele é o Filho do Homem¹⁷. Então, é um crime chamá-lo de Filho de Deus. Diga-nos então por que vocês o chamam de Filho de Deus, já que ele mesmo se proclama o Filho do Homem?

Se você esconde os motivos para o aniquilamento dele, você usa o remédio para aprofundar suas feridas e a única coisa que poderia curar suas feridas você utiliza para levar a doença às partes saudáveis. Mas nós procuramos, na confissão da verdadeira fé, conservar a saúde total de nossas almas.

Acreditemos sem hesitar que a Trindade inteira reside na substância única de uma mesma divindade. Com isso poderemos nos tornar participantes da vida eterna, em Nosso Senhor Jesus Cristo, que reina com o Pai e o Espírito Santo nos séculos dos séculos. Amém!



¹⁶ João 14: 28.

¹⁷ Cf. Mateus 8: 20.

Créditos

© 2021 Valdemar Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Toda cópia e divulgação são autorizadas, desde que citada a fonte.

Traduzido de *Œuvres complètes de Saint Augustin*, organizada pelo Abade Raulx, Bar-Le-Duc: L. Guérin & Cie, Editeurs, 1864-1873, por Souza Campos, E. L. de.

Sermons inédits. Quatrième supplément. Deuxième section. Sermons sur les fêtes de l'année. Vingt-troisième sermon.

Tradução do latim para o francês pelos Abades Bardot et Aubert.

Conteúdo

Sermão 503	1
Análise.....	1
01 – A eternidade de Cristo segundo João Evangelista e Ario.	1
02 – São Paulo sustenta a eternidade de Cristo.	2
03 – Imutável propriamente, Deus se manifesta de diversas formas.	5
04 - As palavras das Escrituras não podem ser entendidas sempre literalmente.	7
05 – As prejudiciais interpretações muito literais.....	8
06 – Os que representam o Pai como sujeito à mudança.	9
07 – As palavras de Paulo sobre a divindade de Cristo.....	11
08 – Ao se dizer menor do que o Pai, Cristo não nega sua divindade.....	12
Créditos.....	13
Conteúdo.....	14